

como de progresso." (2) Para entendermos a figura do mascate no Brasil tradicional, o autor discute antes tais temas: os germes da mascateação, o termo "Mascate", o mascate transmarino, o mascate urbano, a mascateação nas Minas, e finalmente, as relações entre o mascate e o fisco, e o elemento humano na mascateação.

A apresentação material da obra vem reforçar as dúvidas que se encontram no seu interior: a capa e ilustrações lembram os desenhos de livros infanto-juvenis. "O Mascate no Brasil" constitui o primeiro volume da coleção "Terra dos Papagaios", cujas outras publicações seguem a mesma linha de preocupações: Origem da Imoralidade no Brasil: história da formação do caráter nacional" e "O Regatão" — LUIZ MOTT.



POPPINO, ROLLIE E. — *Feira de Santana*. Tradução de Arquimedes Pereira Guimarães. Bahia, Editora Itapua, 1968, 328 pp.

Depois dos primeiros tempos da Colonização, período em que os centros urbanos se concentravam na sua grande maioria na orla litorânea, começam a surgir no interior do Brasil algumas cidades que favorecidas por fatores diversos se desenvolvem espantosamente. Gozando de uma posição geográfica privilegiada, estando muitas vezes situada na confluência de importantes vias de comunicação, possuem tais cidades um tipo especial de organização urbana, onde o comércio interno (inter-regional) será o grande responsável pelo desenvolvimento de tal centro populacional. Caruaru e Arcoverde em Pernambuco, Campina Grande na Paraíba, Juazeiro do Norte no Ceará, Sorocaba em São Paulo — dos séculos passados — são alguns exemplos de cidades interioranas onde uma estratégica posição geográfica contribuiu fortemente para o desenvolvimento da vida sócio-econômica local.

Neste sentido, Feira de Santana aparece como o protótipo de um centro urbano onde a soma de tais fatores geográficos, sociais e econômicos resultou numa configuração populacional muito significativa, tornando-se o ponto de convergência de maior importância no *hinterland* nordestino, o grande empório ou entreposto de toda esta região. O cognome de "Princesa do Sertão" bem representa sua real importância nesta área interiorana.

Reconhecendo que Feira de Santana se constitui como um ponto chave, um pólo de dominância face a uma enorme região tributária que regularmente aflui à sua feira semanal para as transações comerciais, o Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia — Columbia University elegeu tal Município para dar prosseguimento aos seus estudos de comunidades no estado da Bahia. H. W. Hutchinson, H. Harris e A. Leeds, membros desta equipe da Universidade de Columbia, fizeram estudos de comunidades bahianas que estariam no limite da Antropologia Social e da Sociologia. Rollie E. Poppino por seu turno, com seu livro *Feira de Santana*, acrescenta mais uma disciplina à série de tais monografias: seu trabalho é essencialmente obra de um historiógrafo.

O A. empreendeu sua pesquisa enquanto graduado do Departamento de História da Stanford University, constituindo tal obra a sua tese de Doutorado. Durante vários meses trabalhou na consulta dos Arquivos Municipais de Feira, nos Arquivos Públicos da Bahia e no Arquivo Nacional, assim como nas Bibliotecas Municipais, de Salvador e na Nacional do Rio de Janeiro. O levantamento junto às Coleções de Periódicos completam o quadro do material pesquisado.

O escopo da obra é estudar a evolução da história social desta região, desde o período colonial até o ano de 1950, em que terminou a pesquisa. (Como se observa,

(2) Idem, *ibidem*, p. 75.

inexplicavelmente a publicação desta obra vem com um atraso de quase 18 anos). Como o crescimento mais intensivo de Feira de Santana se deu sobretudo a partir de 1860, o foco da análise limita-se aos 90 anos da história local, isto é, de 1860 a 1950.

Poppino acompanha o desenvolvimento histórico desta comunidade baiana em diversos níveis: estuda as instituições políticas e suas transformações; o sistema econômico (agricultura, indústria, comércio, transportes e comunicação); as instituições sociais (o papel da Igreja, a saúde pública, o desenvolvimento cultural). Completam a obra dois capítulos: "A importância do gado em pé na economia local" e "Tendências da população em Feira de 1860 a 1950".

Diz o Autor: "Na Bahia e no Nordeste, Feira de Santana está associada, na mente do povo, à feira de gado semanal, que deu o nome à localidade. Essa associação é adequada, porque a pecuária e a indústria animal formaram sempre a base da economia do município. Desde os primeiros tempos do século dezoito que uma pequena feira de gado se reunia em Feira de Santana. Somente pela circunstância de existir no sertão uma grande área dedicada à pecuária. A feira evoluiu, tornando-se um fator de importância na economia da Bahia. A posição geográfica do município foi responsável por esse desenvolvimento, porque a maior parte do gado do interior tinha que passar por Feira de Santana, no seu itinerário para a Capital. Durante mais de um século, a feira de gado semanal continuou a crescer em tamanho e importância numa relação direta com a procura da carne de boi na cidade de Salvador e nas cidades do litoral. Em 1950, Feira de Santana era considerada como o centro de maior projeção do comércio de gado no Nordeste do Brasil, e o sítio de uma das maiores feiras de gado de todo o país." (1)

A obra nos oferece uma clara reconstrução do passado desta região, tornada muito rica devido à abundância dos registros encontrados nas fontes primárias dos Arquivos e Bibliotecas, manipulados magistralmente pela argúcia do historiógrafo norte-americano. O estudo acurado das mudanças sócio-econômicas ocorridas nos 90 anos da história de Feira de Santana se impõe como indispensável não só para entendermos o presente, mas para tentarmos também qualquer previsão sobre o futuro da evolução regional.

Como se vê, tal monografia, realizada dentro de uma constante seriedade intelectual, representa importante contribuição para os estudos das ciências sociais desta área do Brasil. A Historiografia e Geografia Humana se vêem enriquecidas com mais uma monografia de uma área típica e crucial dentro do complexo do boi e do couro; à Sociologia também interessa sobremaneira tal obra pela maneira diacrônica com que revela a evolução dos sistemas e instituições sociais desta cidade; à Antropologia, finalmente, oferece um estudo criterioso de uma comunidade urbana onde vislumbramos através das instituições sócio-econômicas a emergência de um estilo de vida típico das áreas de transição, uma síntese de elementos sócio-culturais da zona do mar e do sertão. — LUIZ MOTT.



SERAINE, FLORIVAL — *Antologia do folclore cearense*. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1968, 185 pp.

O autor, responsável por vários cursos de Antropologia Social, ministrados na Universidade Federal do Ceará, tem dedicado especial atenção aos estudos de toponímia e de dialetologia da área nordestina, em particular do Estado do Ceará, sendo constantes suas investigações de campo. Como um dos resultados destas pesquisas temos o aparecimento, em 1943, da primeira carta lingüística do Ceará, publicada

(1) Rollie E. Poppino, *Feira de Santana*, E. cit., p. 305.